

PERPECTIVAS DA AGRICULTURA ORGÂNICA NO NORTE DO PARANÁ

6-Problemática de los espacios agrários

Rodrigues da Silva, Kátia^{1(*)}

1 - UEL | (*) Brazil

Este trabalho é fruto das pesquisas realizadas em campo, assim como das reflexões obtidas através de leituras, no que se refere à investigação geográfica, sobre o processo de transformação que vem ocorrendo na agricultura paranaense em virtude do aumento do consumo de alimentos orgânicos por parte da sociedade. Tendo como objetivo principal analisar as dificuldades que a agricultura orgânica vem enfrentando para se estabelecer na região Norte do Paraná que é uma área altamente tecnificada, e que sofreu grandes transformações nas últimas décadas em consequência da “revolução verde”. A agricultura orgânica ou ecológica surgiu de trabalhos do pesquisador Sir Albert Howard, em 1905 na Índia (CAMPOS, 2004). O princípio da produção orgânica é o estabelecimento do equilíbrio da natureza utilizando métodos naturais de adubação e de controle de pragas como, por exemplo, o sistema de adubação verde e rotação de culturas para que haja uma manutenção da fertilidade natural do solo e da sanidade geral das plantas e animais. A agricultura orgânica exclui o emprego de compostos sintéticos como fertilizantes, pesticidas, reguladores de crescimento. Segundo MENDONÇA 2008, o Paraná é o estado com o maior número de produtores orgânicos no Brasil, com cerca de 6.700 produtores de orgânicos que são responsáveis por uma produção anual de 105 mil toneladas na safra de 2006/2007, 17% a mais que na safra anterior de produtos orgânicos entre eles frutas, verduras e grãos, que se destinam tanto ao consumo interno quanto há exportação, principalmente de grãos para países europeus. Porém esta safra não tem sido suficiente para atender a demanda dos consumidores que vem aumentando entre 30% a 50% ao ano o que faz com que os preços destes produtos continuem mais caros em relação aos produtos convencionais, já que os mesmos seguem a lei da oferta e da procura. Entretanto ao se analisar a territorialização destes produtores no estado, fica evidente que a maior parte destes estão localizados nas regiões Sul e Sudoeste do Estado, e a região Norte, apresenta o menor número de produtores, apesar de se tratar de uma área altamente desenvolvida onde a renda per capita da população está entre as mais altas do país, onde o consumo desses alimentos vem crescendo continuamente, o que fica evidente ao se verificar que as grandes redes de supermercados como o Muffato e Carrefour já possuem uma gôndola exclusiva para os orgânicos. A agricultura do norte do Paraná é caracterizada pela grande produção capitalista, onde são utilizados os mais altos níveis tecnológicos, tanto em insumos quanto em maquinários agrícolas, o que faz dessa região uma grande produtora de grãos para consumo principalmente externo. Mas em meio a toda esta produção dedicada ao agronegócio, é possível encontrar pequenas propriedades onde predomina a mão-de-obra familiar, e são esses produtores que estão tentando produzir orgânicos, sendo esta uma forma de consumir alimentos saudáveis, e de não se sujeitarem ao domínio das multinacionais que controlam a agricultura, através da dependência que os agricultores têm dos insumos agrícolas. Para desenvolvimento dessa pesquisa e alcance dos objetivos propostos, foram utilizados como recursos metodológicos: levantamentos e leituras bibliográficas sobre a agricultura orgânica nas bibliotecas da Universidade Estadual de Londrina; e artigos da mídia impressa e digital; levantamentos de dados na EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural); entrevista com o engenheiro agrônomo da Fundação Mokiti Okada na região Sul do Brasil, entrevista com o agrônomo da EMATER, entrevista com produtores de orgânicos e elaboração de mapas, gráficos e tabelas.

INTRODUÇÃO

O Norte do Paraná é uma região que se destaca no setor agrícola, por ser um dos mais tecnificados do Brasil, onde é utilizada uma tecnologia de ponta na produção agrícola, principalmente de grãos e por seus solos férteis. Nesta região há grandes produtores de grãos assim como pequenos produtores familiares que se dedicam à agricultura convencional. Também foi verificado que apesar de estarem número menor, ainda há aqueles que se dedicam à produção de alimentos orgânicos. Esses produtores trabalham na agricultura desde que chegaram ao Norte do Paraná e atualmente optaram pela agricultura orgânica motivados por um maior retorno financeiro, e principalmente por estarem preocupados com a sua saúde, de seus familiares e da população como um todo. Entretanto, os produtores de orgânicos, vêm enfrentando muitas dificuldades, para desenvolver esta atividade, já que não há incentivos por parte do governo, e por se tratar de uma área onde a agricultura é muito tecnificada, onde o uso de insumos químicos é muito intenso e o mesmo se espalha, com o vento, contaminando as propriedades vizinhas. Este trabalho está dividido da seguinte forma; a primeira parte vai falar sobre o que é a agricultura moderna e como surgiu, a segunda parte contextualiza a área de estudo, a terceira parte é pra esclarecer o que é a agricultura orgânica e como surgiu, a quarta parte é sobre a agricultura orgânica no Estado do Paraná, a quinta parte mostra o perfil dos produtores entrevistados e a última parte é composta das considerações finais.

A AGRICULTURA MODERNA

A agricultura do pós-guerra sofreu grandes transformações, ocasionadas devido aos avanços tecnológicos que a guerra proporcionou. Visando uma produção cada vez maior assim como um aumento nas áreas produtivas. Para tanto as formas de produção foram modificadas a partir da década de 1950, com o uso de adubos químicos, pesticidas e maquinários agrícolas, essas técnicas se intensificaram mais na década de 1970, com a denominada “revolução verde” que modernizou a produção agrícola no mundo.

[...] No decorrer do desenvolvimento de agentes utilizáveis na guerra química, algumas substâncias criadas em laboratório, revelaram, ao que se descobriram efeitos letais para os insetos. A descoberta não ocorreu por acaso, os insetos já havia sendo usados nas experiências que se faziam para testar os agentes químicos de morte para o ser humano.

(CARSON,1964,p.26)

As multinacionais aliadas com o governo incentivaram e divulgaram essas novas tecnologias, buscando fazer com que a agricultura se torna-se cada vez mais dependente desses insumos.

A agricultura se industrializa neste processo, isto é, torna-se um setor subordinado ao capital, integrado à grande produção(...) a agricultura se transforma num ramo de aplicação do capital em geral e, de modo particular, do capital industrial que lhe vende os insumos e compra as mercadorias aí produzidas. (GRAZIANO, 1981,p.44)

Esse pacote tecnológico foi rapidamente absorvido, pela agricultura brasileira, algumas regiões absorveram mais facilmente que outras, como foram os

casos das regiões sul e sudeste e posteriormente centro-oeste que aderiram a essas novas tecnologias. As transformações que ocorreram na agricultura foram tantas e tão profundas a ponto de nos dias atuais ser possível produzir soja no cerrado.

Entre 1930 e 1950, a área de lavouras aumentou 6.356 mil hectares no Brasil; entre 1950, a 1960 cresceu 9.617 mil hectares e, na década de 60, mais 5.272 mil hectares de lavouras foram incorporados. O estado do Paraná, que em 1950 participava com 7,1% da área de lavouras do país, aumentou sua participação para 12,0% em 1960 e 13,9% em 1970, contribuindo com 3.360 mil hectares adicionais de lavouras neste período. (GRAZILIANO, 1998,p18.)

Entretanto, antes mesmo que este pacote tecnológico chega-se ao Brasil os danos que essa modernização viria a causar ao meio ambiente, já eram denunciados pelo mundo, vários autores começam a questionar os tais benefícios dessa agricultura moderna, e os malefícios que ela pode causar. Varias conferencias ocorreram para discutir a questão: a Conferencia da Biosfera realizada em Paris em 1968; a Conferencia das Nações Unidas sobre o Meio ambiente Humano na Suécia em 1972; Conferencia do Cocoyoc no México em 1974 etc. A partir de então vários documentos foram elaborados com intuito de denunciar o que vinha ocorrendo, as conferencias continuaram acontecendo pelo mundo.

CONTEXTUALIZANDO O NORTE DO PARANÁ

Até o inicio do século XX o Norte do Paraná era uma área coberta por mata densa, mas em apenas 40 anos se transformou em uma das regiões mais produtivas do Brasil. O Estado paranaense tinha como objetivo povoar estas terras o mais rapidamente possível, e para tanto teve inicio o processo de colonização por via de um empreendimento capitalista onde a aquisição da terra só era possível através da compra. Várias companhias realizaram este processo de colonização, sendo que tiveram maior destaque a companhia japonesa Bratac (fundou a cidade de Assaí) e a companhia inglesa Paraná Plantation Ltd, denominada posteriormente de Companhia de Terras do Norte do Paraná (fundou a cidade de Londrina e outras cidades). As terras foram divididas em lotes e vendidas aos migrantes de vários estados do Brasil, e também há imigrantes de diferentes nacionalidades. As loteadoras facilitavam a compra da terra através de um parcelamento do pagamento em até quatro anos.

A prosperidade do norte do Paraná se deu pela economia da produção cafeeira. As propriedades eram pequenas, em média 25 hectares, constituídas principalmente pela mão-de-obra familiar. A maior parte das propriedades se dedicava à produção café e seguida por outras culturas como o arroz, milho, feijão, algodão etc.

Embora tenha visado principalmente ao aproveitamento da terra roxa para a formação de cafezais, o tipo de povoamento promovido pela Companhia de Terras do Norte do Paraná difere essencialmente do que caracteriza as zonas cafeeicultoras de São Paulo e mesmo da zona paranaense situada entre Tibaji e Itararé. De fato visou a Companhia não a criação de fazendas de monocultura de café, mas o estabelecimento de regime de pequenas e médias propriedades, menos susceptíveis de se abalar com o advento de uma crise de café, mas capazes de originar uma vida regional intensa (...) com o

estabelecimento de um regime de pequenas propriedades cafeicultoras conseguem a companhia uma exploração mais intensa (...) pois as partes não apropriadas para o café são aproveitadas para outras culturas (...) havendo uma distribuição de riquezas que muito favoreceu o comércio local (Bernardes Apud Campos 2004.p 118))

O modo de produzir na agricultura do Norte do Paraná sofre um processo de transformação a partir dos anos 1960, com a chegada da agricultura moderna ou convencional. Este sistema que se expandiu após a Segunda Guerra Mundial com o emprego de sementes manipuladas geneticamente e o uso de agroquímicos (agrotóxicos e fertilizantes) e dos maquinários agrícolas. Na década de 1970 acontece a denominada “revolução verde” que fez com que se intensificasse ainda mais a produção agrícola e para isso se faz intenso uso de agroquímicos em busca de uma produtividade cada vez maior.

O Norte do Paraná foi uma área onde a “revolução verde” foi muito intensa, em virtude da substituição da lavoura de café que era feita de forma rústica e artesanal pela de soja e trigo que faziam uso de maquinários agrícolas assim como de uso intensivo de agroquímicos. Todo esse processo de transformação na agricultura foi impulsionado pela política de erradicação dos cafezais promovida pelo governo. Devido ao grande volume de produção de café e a “geada negra” de 1975. As cooperativas existentes agem no sentido de orientar os produtores na substituição do café por outras culturas e incentivar a modernização no campo através de créditos bancários ofertados pelo Estado para subsidiar tal processo, o que veio a provocar tais mudanças no sistema de produção.

[...] as cooperativas apresentam-se como mecanismos através do qual o Estado disciplina o pequeno produtor no uso de créditos agrícolas e insumos modernos, ao mesmo tempo em que oferece ao Estado uma organização relativamente fácil de penetrar e manipular, seja pela própria tendência das direções das cooperativas e se desvincular das bases, seja através dos mecanismos materiais e legais pelo quais a cooperativa depende do Estado. (SORJ,1980, p.76)

O êxodo rural foi muito intenso neste período, já que a mão-de-obra que antes era utilizada nos cafezais não sendo mais necessária migra do campo para a cidade. Nas últimas décadas, houve um aumento do tamanho médio das propriedades na região Norte do Paraná o que mostra que está havendo uma significativa concentração fundiária. Hoje, o que se vê são grandes propriedades de soja, trigo e milho de produtores capitalistas, que se utilizam do uso intensivo de maquinários agrícolas e de agroquímicos.

O Estado do Paraná se destaca no cenário econômico brasileiro, por sua alta produção de grãos, assim como no desenvolvimento de novas tecnologias agrícolas, tanto que a EMBRAPA soja, esta localizada na cidade de Londrina.

A AGRICULTURA ORGÂNICA

Na sociedade atual vem se acentuando cada vez mais a preocupação com as questões ambientais e com a qualidade dos alimentos que estão consumindo. É neste cenário que a agricultura orgânica começa a aparecer, como uma agricultura que produz alimentos saudáveis, surgindo como uma agricultura alternativa que se contrapõe a agricultura convencional, ao emprego dos adubos químicos, melhoramento genético, excessiva mecanização, pesticidas e aos danos que estes vêm causando ao meio ambiente e que não se utiliza de nenhum tipo de agroquímicos (agrotóxicos e

fertilizantes). Entretanto ela não é uma agricultura atual, a já existia há muito tempo, desde 1920 que já falava neste tipo de agricultura.

Agricultura alternativa é tudo que foge do convencional, e dentro desta linha existe a agricultura orgânica que abrangem todas as outras:

- Agroecologia (1980) que surge na América Latina e além da preocupação com o meio ambiente, ela busca a promoção socioeconômica dos agricultores que vivem em situação precária;
- Agricultura sustentável (1980/90) que aparece como termo oficial e que reconhece os malefícios que a agricultura convencional vem causando;
- Agricultura biodinâmica (1920) surge com o filósofo Rudolf Steiner na Alemanha, esse movimento é associado a uma ciência espiritual ligada a antroposofia, o movimento biodinâmico entende a agricultura como sendo um organismo que depende da interação entre a produção vegetal e animal;
- Biológica (1930) que foi inspirada nas idéias de Rudolf Steiner (corrente biodinâmica) e Howard (corrente orgânica) o suíço Muller foi quem sistematizou essa corrente após estudos de fertilidade do solo e microbiologia, ao contrário da corrente biodinâmica esta corrente preconiza que o material para a produção pode vir de fontes externas e não somente de fontes internas.
- Agricultura natural (1935) esta corrente tem um cunho filosófico-religioso, baseado nas idéias do filósofo japonês Mokiti Okada que foi o fundador da igreja messiânica em seu país onde pregava a harmonia entre o homem e a natureza, e quer o homem para se purificar deveria consumir alimentos puros livres de agrotóxicos, não utilizando dejetos de animais.

De acordo com SHINGO 2008, orgânica vem de organismo, tudo que é adotado vem de um ser vivo animal ou vegetal. O princípio da produção orgânica é o estabelecimento do equilíbrio da natureza utilizando métodos naturais de adubação e de controle de pragas como por exemplo o sistema de adubação verde e rotação de culturas para que haja uma manutenção da fertilidade natural do solo e da sanidade geral das plantas e animais. Através de mecanismos naturais, há uma preocupação com o solo e não com a planta como é o caso da agricultura convencional, onde são utilizados adubos químicos e agrotóxicos para que a produção seja cada vez maior, sem se importar com o desgaste que está causando ao solo, como a perda de nutrientes que são naturais de uma determinada área. A agricultura orgânica exclui o emprego de compostos sintéticos como fertilizantes, pesticidas, reguladores de crescimento.

AGRICULTURA ORGÂNICA NO PARANÁ

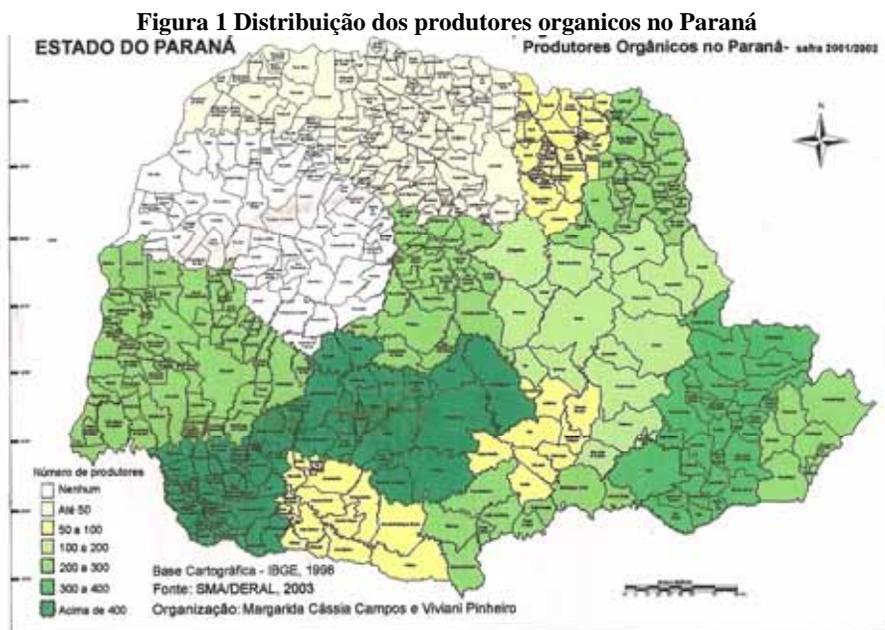
A Agricultura Orgânica está em crescimento em todo o mundo o Estado No Estado do Paraná o número de produtores e conseqüentemente da produção vem aumentando a cada ano (tabela 1).

Produtos	Safra 04/05		
	Área ha	Produção t	Produtores nº
Soja	3.586	5.772	500
Hortaliças	1.231	14.633	1.208
Milho	1.229	3.518	308
Café	1.102	934	164

Mandioca	994	18.762	282
Frutas	940	8.071	647
Arroz	565	2.562	113
Cana (açúcar mascavo)	407	13.095	172
Erva Mate	372	648	68
Feijão	343	485	323
Plantas Medicinais	233	563	145
Cana (Cachaça)	178	6.630	93
Trigo	72	103	30
Fumo	42	70	24
Amendoim	22	28	50
Algodão	12	25	10
Girassol	1	1	1

Fonte: Hamerschmidt 2006

Ao se analisar a territorialização da produção no estado paranaense fica claro que a faixa que compreende o norte do Paraná é onde se encontra o menor número de produtores orgânicos do estado, isso se justifica pela intensa mecanização agrícola na região de Londrina, já a região metropolitana de Curitiba no sul do Estado corresponde a uma área de grande produção e é onde atua o Rio da Uma que é uma das maiores distribuidoras de orgânicos com abrangência em todo o Estado (ver figura 1).



Fonte: Campos 2004.

Segundo MENDONÇA 2008 o Paraná tem 6.700 produtores de orgânicos que são responsáveis por uma produção anual de 105 mil toneladas na safra de 2006/2007, 17% a mais que na safra anterior de produtos orgânicos entre eles frutas, verduras e grãos. Porém esta safra não tem sido suficiente para atender a demanda dos consumidores que vem aumentando entre 30% a 50% ao ano o que faz com que o preço destes produtos continue mais caro em relação aos produtos convencionais, já que os mesmos seguem a lei da oferta e da procura. As grandes redes de supermercados como o Muffato e Carrefour da cidade de Londrina já possuem uma gôndola exclusiva para este tipo de alimentos, na região de Curitiba existem feiras exclusivas de produtos orgânicos. É um setor que vem se desenvolvendo rapidamente em algumas regiões do estado, mas ainda não é suficiente para atender a demanda dos consumidores. Os principais produtos que o estado do Paraná produz são as hortaliças cujas plantações estão concentradas nas regiões de Curitiba, Maringá e Londrina (ver figura 2).

Figura 1: Localização da Produção Orgânica no Paraná



Fonte: Hamerschmidt 2006

Por se tratar de um tema que atualmente está em destaque, vem aumentando o interesse por parte dos produtores, em se dedicar a este ramo de atividade, entretanto como o processo de transição entre o convencional e o orgânico é muito difícil, grande parte desses produtores acabam por desistirem, aqueles que estão apenas interessados em ganhar dinheiro acabam perecendo. Enquanto que aqueles que têm uma opinião formada sobre os malefícios da agricultura convencional, e que buscam uma qualidade de vida melhor, ou estão ligados a alguma religião são os que permanecem produzindo orgânicos.

Na região Norte do Paraná a produção de orgânicos é insuficiente para cobrir a demanda do mercado, a mesma acaba sendo suprida pelas demais regiões produtoras de orgânicos do estado. É grande o número de produtores, que tentaram mais acabaram desistindo da agricultura orgânica, isso se deve principalmente pela tecnificação muito intensa da agricultura nesta região o que dificulta a produção de orgânicos, aqueles que persistem neste tipo de produção enfrentam muitas dificuldades, e para se proteger, acabam construindo barreiras como às cercas vivas que não permitem a penetração dos agroquímicos em suas propriedades. (ver figura)

Cerca viva para proteger a plantação de orgânicos



Fonte: Ruth Youko tsukamoto

A produção de orgânicos só é possível de ser realizada em pequenas propriedades, porque em pequenas áreas o controle da produção e o acompanhamento em relação às pragas e doenças é mais fácil, e o produtor pode fazer esse acompanhamento diariamente, o que seria inviável em uma propriedade de grandes proporções territoriais. Guterres ao se referir a produção em pequenas propriedades afirma que:

[...] a soberania alimentar do camponês começa em casa. Produzir sua própria alimentação variada e de forma estável, com qualidade e sem agrotóxicos, contribui para aumentar significativamente as áreas descontaminadas de venenos químicos, bem como aumenta a capacidade de autonomia dos pequenos agricultores. (Guterres 2006, p.20)

Alguns produtores costumam praticar a agricultura convencional e orgânica ao mesmo tempo, já que o recomendado é que a transição seja feita gradualmente, pois nos primeiros quatro anos que é o tempo que leva para que a terra seja desintoxicada, a produtividade cai muito. É preciso tempo para que o solo se recupere e volte a conter os nutrientes que desapareceram em função do uso dos agrotóxicos (SHINGO 2008). Segundo CAMPOS 2004 as causas mais comuns que levam ao abandono por parte dos produtores da agricultura convencional e adesão à agricultura orgânica são: preço mais alto em relação aos produtos convencionais; menor custo com a produção; casos de intoxicação com agrotóxicos pelos produtores e seus familiares ocorrendo, em alguns casos, morte entre os membros da família e preocupação com a preservação do meio ambiente.

Outro fator que vem dificultando a produção de orgânicos é a certificação, pois para que seus produtos sejam aceitos como orgânicos pelo mercado consumidor é necessário que o mesmo tenha o selo de certificação. Entretanto, esta certificação se torna inviável para alguns produtores, justamente pelo alto custo. Os preços são cobrados de acordo com as certificadoras no caso da fundação Mokiti Okada o valor cobrado é de 350.00 reais mais despesas de viagem dos técnicos. Numa média de 500.00 reais por ano são gastos com certificação por produtor. em se tratando de uma

região com muitos produtores os custos ficam menores, pois os mesmos acabam dividindo os custos da visita anual do técnico, quando o número de produtores é pequeno, como é o caso da região norte do Paraná os custos são altos.

O governo não vem contribuindo de maneira eficiente com os produtores de orgânicos, pois os incentivos são insignificantes, como é o caso da linha de crédito através de financiamento junto ao Banco do Brasil, onde os critérios utilizados pela linha impossibilitam a adesão por parte dos produtores pois são exigidos por exemplo notas de custo de produção com adubação, ou combate a pragas, que não são possíveis de ser comprovadas já que a maioria desses adubos e defensivos são naturais e adquiridos na própria propriedade.

Os agricultores e a população estão começando a se conscientizar e a consumir alimentos mais naturais em busca de uma qualidade de vida melhor, uma preocupação com o meio ambiente, isso faz com que agricultura orgânica ganhe cada vez mais adeptos e o campo comece a desenvolver cada vez mais esse modo “novo” de produzir naturalmente, sem agredir o solo em busca de uma agricultura sustentável. Todavia sem incentivos eficientes a estes produtores a região Norte do Paraná continuara tendo que comprar de outras regiões esses alimentos, a preços altos.

PERFIL DOS PRODUTORES

Quatro produtores foram entrevistados, destes três trabalham apenas com a agricultura orgânica e um trabalha com agricultura orgânica e convencional segundo este produtor não foi possível continuar produzindo somente orgânicos por uma questão financeira, pois não estava conseguindo pagar o financiamento, desta forma voltou a trabalhar com a agricultura convencional, mas continua produzindo orgânicos.

Apenas um destes agricultores não possui o selo de certificação orgânico, e afirma que não possui o mesmo porque não é esse o seu objetivo, o que ele quer é produzir alimentos saudáveis. Tanto que começou a produzir orgânico há 15 anos por ser vegetariano, começou a se preocupar com a qualidade dos alimentos que estava consumindo. Em visita feita a sua barraca na feira foi verificado que o mesmo comercializa seus produtos com preços iguais aos produtos convencionais, e já possui uma freguesia que conhece e confia na qualidade de seus produtos, não sendo necessário apresentar certificação, uma grande parte de seus clientes é constituída por nikkeis que sem a filosofia da Igreja Messiânica.

Os produtores que tem o selo de certificação são produtores que estão ligados a APOL, sendo que um deles foi um dos fundadores da associação, e outro é atualmente o presidente da APOL, eles afirmaram que o selo é obrigatório para que eles possam vender seus produtos no mercado exterior, sendo que os mesmos são todos produtores de grãos, mas que também vendem seus produtos em feiras livres e no CEASA com os mesmos preços dos produtos convencionais.

Um ponto em comum entre todos os produtores é a preocupação com a saúde e com o meio ambiente. A questão financeira vem em segundo plano. Todos pretendem continuar produzindo orgânicos e esperam que o governo comece a dar mais incentivo a este tipo de produção. Grandes partes dos produtores que fracassam na produção orgânica, desistem no momento de transição que dura em média três anos, que é a fase mais difícil, pois neste período a produtividade caiu, e ao se verem atacados por pragas os agricultores viciados nas facilidades da agricultura convencional acabam por fazer uso dos inseticidas. O governo não tem dado os incentivos necessários a estes produtores, que vêem a agricultura orgânica como a “agricultura do futuro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos a agricultura orgânica vem ganhando seu espaço, principalmente em áreas onde a população está se conscientizando sobre os malefícios que a agricultura convencional vem causando à saúde das pessoas. O Estado do Paraná se destaca na produção de produtos orgânicos que visam o mercado consumidor nacional e internacional. Os produtores continuam tentando mesmo enfrentando muitas dificuldades como, por exemplo: conseguir mercado, resistir em meio a tanta tecnificação e a capacidade de se manter nesse ramo de produção o que faz com que para continuar neste ramo de produção muitas vezes eles precisam trabalhar com a agricultura convencional, paralelamente. Essa pesquisa foi qualitativa e assim, foram feitas entrevistas com quatro produtores de orgânicos de melhor expressão tais como pioneiros na introdução desta técnica, produtores de grãos, frutas e hortas, para detectar o perfil e os problemas dos produtores da microrregião de Londrina. Além dos produtores recorremos aos engenheiros agrônomos da Fundação Mokiti Okada e da EMATER.

O que conclui até o momento é que apesar do Paraná ser um dos maiores produtores de orgânicos do país, estes produtores estão concentrados em algumas regiões. Enquanto que nas áreas onde o capital controla a agricultura, que é o caso da área escolhida para este estudo, ela se torna quase que impossível, os produtores de orgânicos são motivo de piadas, são considerados como locos pelos produtores capitalistas, além de não tem as condições necessárias para que esta atividade obtenha sucesso.

Os agricultores que estão produzindo orgânicos são produtores que por muitos anos se dedicaram à agricultura convencional e por estarem preocupados com a saúde e com o meio ambiente optaram por trabalhar com a agricultura orgânica. Todos os entrevistados afirmaram que é difícil produzir orgânicos, mas, jamais deixarão esta atividade.

BIBLIOGRAFIA

- ALTAFIN, I. Meio ambiente e modernização agrícola no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Foz do Iguaçu, 1999. Anais Foz do Iguaçu.
- CAMPOS, M.C. *Territorialização da agricultura orgânica no Paraná: Preservando o meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis*, 2004. (tese de mestrado – departamento de geociências da Universidade Estadual de Londrina.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1964. Tradução Raul filho.
- CHIAVENATO. O Massacre da Natureza. 2.ed. São Paulo:Moderna, 1989.
- DAROLT, Moacir R. Agricultura orgânica: inventando o futuro. Londrina IAPAR, 2002.
- GRAZILIANO DA SILVA,J. Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura. São Paulo: Hucitec, 1981.
- GRAZILIANO DA SILVA,J.a nova dinâmica da agricultura brasileira.2.ed. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1988.

GUTERRES (ORG). Agroecologia Militante. São Paulo: Expressão popular, 2006.
KUKUOKA, M. Agricultura Natural. São Paulo: Nobel, 1995.
MENDONÇA, Gisele. Demanda por orgânicos cresce mais que oferta. **Folha de Londrina**, Londrina 29 de maio.2008 caderno de economia, p.4.
SORJ, B. Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
ZAMBERLAM, Jurandir & FRONCHETI, Alceu. *Agricultura ecológica: Preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2001.
WACHOWICZ, R.C. *Historia do Paraná*. Curitiba: Ed. Graf. Vicentina, 1998.